

Dezenove de Dezembro

CAPITAL.

Por anno. . . . 12\$000
Por semestre . . . 7\$000

Propriedade da VIUVA LOPES.

EDITOR — JESUINO DA SILVA LOPES.

FORA DA CAPITAL.

Por anno. . . . 14\$000
Por semestre . . . 8\$000

Anno XXVII.

CURITYBA — SABBADO — 5 DE JUNHO DE 1880

N. 2052.

Dezenove de Dezembro

VIAGEM IMPERIAL.

(Continuação.)

No dia 28, ás 7 1/2 horas da manhã, partiram Suas Magestades de Ponta Grossa para a cidade de Castro, onde chegaram ás 3 1/2 da tarde.

Como para a recepção, numeroso e luzido acompanhamento de cavalheiros, com musica, vivas e todas as demonstrações de regozijo, tiveram os Augustos Viajantes, na sua partida, as provas inequívocas de entusiasmo da população dessa cidade.

Ao approximar-se de Castro, meia legua mais ou menos, um grupo de 200 cavalheiros veio ao encontro dos Augustos Viajantes, que foram por elles recebidos com flores, vivas, saudações e foguetes.

Dignaram-se Suas Magestades aceitar a hospedagem que lhes foi offerecida pelo digno juiz de direito da comarca, Dr. Manoel da Cunha Lopes Vasconcellos e sua familia.

A' entrada da cidade uma banda de musica e a população aglomerada recebeu no meio de vivas aclamações os Augustos Hospedes, e sua brilhante comitiva.

A importante cidade Castro mais uma vez confirmava os lóros de grande, culta e adiantada, tanto quanto de antiga e notavel, antes mesmo que a 5.ª comarca lvesse a emancipação da lei de 12 de Agosto de 1853, quando ella, com fundados direitos, disputava as honras de capital da provincia.

Depois de jantar, Suas Magestades visitaram a importante ponte sobre o rio Iapok, camara municipal, cadeia, mercado e escola nocturna.

Duas bandas de musica, uma em frente á residencia imperial, outra em frente á igreja, até 9 horas da noite, fizeram ouvir lindas e bem executadas composições.

No dia 29, pelas 7 horas da manhã, visitou S. M. o Imperador, com sua comitiva, Dr. presidente da provincia e autoridades superiores da comarca, com muitos dos seus mais grados habitantes, o estabelecimento agricola do cidadão francez Bailli.

Regressando á cidade ouviu missa e visitou as escolas publicas, mostrando em tudo sua satisfação, e recebendo por toda parte as devidas demonstrações de regozijo e respeito.

Depois de almoçar, ás 10 horas, regressaram Suas Magestades para Ponta Grossa, sendo ainda maior o acompanhamento que da cidade de Castro veio fazer as despedidas aos Augustos Viajantes até muito distante da cidade.

A's 4 horas da tarde, sendo recebidos por mais de 250 cavalheiros, com ruidosas demonstrações de regozijo, entraram Suas Magestades em Ponta Grossa, pernitando ali.

No dia 30, visitou S. M. a casa da camara, mercado e matadouro publico.

Depois de almoçar, em casa do prestimoso cidadão major Domingos Ferreira Pinto, que como na ida, tivera a honra de fazer a hospedagem aos Augustos Viajantes e sua distincta comitiva, partiram estes ás 10 horas da manhã, com destino á Palmeira, onde chegaram ás 4 1/2 horas da tarde, sendo recebidos por

grande numero de cavalheiros e vivas demonstrações de prazer.

No dia seguinte, 31, ás 6 1/2 horas da manhã, sahiram Suas Magestades para a cidade da Lapa, demorando-se para almoçar n'um elegante pavilhão preparado pela população da Palmeira, junto á ponte do magestoso rio Ignassú.

Depois de um breve descanso nesse sitio poetico, e então cheio de vida e attractivos, seguiram sua viagem os Augustos Imperantes, sendo a uma legoa da Lapa, no nucleo Johannisdorf povoado por colonos russo-allemaes, recebidos por cerca de 400 cavalheiros, dessa cidade, que ali aguardavam os Viajantes.

A's 6 1/2 horas fazem sua entrada na cidade.

Hospedaram-se SS. MM. em casa do coronel David dos Santos Pacheco.

No dia 1 do corrente, visitou S. M. o Imperador a camara municipal, escolas e cadeia, percorrendo algumas ruas da cidade, cuja população fazia-Lhes, como na vespera, entusiasticas saudações.

As 8 3/4 partio a Imperial comitiva para esta capital.

Chegando á colonia de russo-allemaes, Marienthal, as 10 horas SS. MM. se dignaram aceitar um lauto almoço que o povo da Lapa havia ali preparado, visitando em seguida alguns lotes da colonia, cujas condições Lhes mereceram as mais sollicitas informações.

D'ahi partindo chegaram a esta cidade os Augustos Viajantes, depois de meia noite.

Por um luzido grupo de cavalheiros nacionaes e allemaes, acompanhados do Dr. chefe de policia, com um piquete de cavallaria, tendo archotes accesos, foram os Imperiaes Viajantes recebidos a mais de meia legoa, no logar Capão Grande, sendo nesta cidade, ainda quasi toda illuminada, recebidos por grande numero de pessoas que em aclamações de regozijo Lhes davam a boa vinda.

Junto ao Paço uma guarda de honra com a banda de musica de policia fez as devidas continencias ao apearem-se do carro os Augustos Soberanos.

Acompanharam tambem a Suas Magestades alguns cavalheiros que dirigidos pelo incaeçavel cidadão major Luiz Manoel Aguer, tomaram o empenho de fazer as honras aos Nossos Imperantes desde a sua chegada a esta capital, e em toda sua viagem.

No dia 2, das 11 horas ao meio dia, visitou os collegios particulares de Miss Besse Braund e dos Srs. João José Rodrigues Vieira e Nivaldo Teixeira Braga, apreciando o grão de intelligencia e adiantamento dos menores Praxedes Borba e Pretextato Taborda Ribas, alumnos dos dous ultimos collegios, dirigindo-lhes expressões affaveis e animadoras.

Visitou S. M. o escriptorio da empresa da estrada de ferro, sob a direcção do commendador A. Ferruci.

Dahi dirigiu-se á chacara do conselheiro Capanema, que mais uma vez descejava visitar

Regressando, jantaram SS. MM. II, sahindo as 5 horas para assistirem ao lançamento da 1ª pedra da penitenciaria desta capital, d'onde regressaram ás 7 1/2.

Nessa occasião, dignaram-se SS. MM. receber muitas pessoas que desejavam ter a honra de cumprimental-OS, ouvindo a muitos pobres que Lhes faziam pe-

didos, e se retiravam honrados com a mais benevola attenção.

As 8 1/2 se dirigiam SS. MM. para o salão da sociedade Hermat, cuja direcção Os havia convidado para assistir a uma representação e baile que em Sua Honra havia deliberado dar; e finda ella, retiraram-se SS. MM., como haviam sido recebidos, com vivas e respeitadas demonstrações de regozijo da sociedade.

Dirigindo-se para o salão do Museu, dignaram-se assistir ao baile que a Commissão de festejos desta capital Lhes offerecia em nome da sociedade Curitybana, como signal de homenagem, respeito e agradecimento pela honrosa visita de SS. MM. a esta provincia.

A' meia noite, retiraram-se SS. MM. sendo na sahida, como na entrada, saudados pelo hyuno nacional e contiencias prestadas pela guarda de honra postada em frente ao edificio.

Dia 3—A's 7 horas da manhã partiram SS. MM. II para a cidade de Morretes, sendo acompanhados, no bota-fora, por uma guarda de honra do 2º corpo de cavallaria, e muitos cidadãos a cavallo.

No largo Pedro 2º, em frente ao Paço, estava agglomerada, apesar da hora matinal, uma grande multidão, que ainda por despedida saudava os Augustos Viajantes.

Com Suas Magestades foram tambem, alem dos distinctos personagens que tinham vindo em Sua companhia, o Exm. Sr. presidente da provincia e Dr. chefe de policia.

A viagem para a marinha fez-se, felizmente, sem accidente algum, e sendo em todos os sitios povoados por onde passavam os Augustos Soberanos, saudados pelos habitantes, que entoando vivas, despediam-se dos Augustos Viajantes.

A's 5 1/2 horas da tarde faziam Suas Magestades a sua entrada na cidade de Morretes.

Sabemos que foi esplendida a recepção feita pela população dessa cidade, tomando parte nella, e do modo mais entusiastico, toda a população, já brasileira, já estrangeira representando as colonias.

Grande era o numero de cavalheiros e pessoas a carro que desde S. João aguardavam os Augustos Viajantes e d'ahi até Morretes se iam incorporando ao sequito para mais pomposa fazer a entrada nessa cidade.

Uma banda de musica esteve sempre presente, e conservou-se até alta hora da noite junto á casa do cidadão Joaquim José Alves, juiz municipal do termo, que teve a honra de hospedar a Suas Magestades Imperiaes, e com sua familia os aguardava, esmerando-se em proporcionar todos os commodos possiveis para com os Augustos Hospedes e sua distincta comitiva, que toda recebeu hospedagem conveniente e confortavel daquelle cidadão e seus amigos.

No dia 4 visitou S. M. o Imperador, as escolas, cadeia, camara municipal, matriz, cemiterio, estação telegraphica, eugenho central e varios lotes do nucleo Sesmaria da colonia Nova Italia.

Pela manhã haviam Suas Magestades e sua illustre comitiva visitado a villa de Porto de Cima, onde tiveram festiva recepção.

A's 2 horas da tarde partiram Suas Magestades para Antonina.

Chegando a esta cidade, onde foram Suas Magestades Imperiaes entusiasticamente recebidos, podendo ainda dizer-se de-

lirante a manifestação popular, hospedaram-se em casa do Sr. commendador Antonio Alves de Araujo, a qual, como na vinda dos Augustos Hospedes, estava rica e dignamente preparada.

Ahi visitou S. M. a camara municipal, cadeia, enfermaria do hospital de caridade; recolhendo-se para jantar.

A' noite continuaram as manifestações populares, com grande movimento, musica, vivas e foguetes, até depois das 10 horas.

Hoje pela manhã, segundo telegrama que temos, visitou S. M. o mercado da cidade e escolas publicas: indo depois, com S. M. a Imperatriz, fazer oração na igreja matriz.

Em seguida almoçaram Suas Magestades, seguindo-se o exame e sondagem do porto de Antonina, em presença de S. M. o Imperador, autoridades superiores, officiaes de marinha e alguns cidadãos.

Parte official

GOVERNO PROVINCIAL

Expediente da presidencia no mez de Abril.

DIA 22

A' thesouraria de fazenda — De accordo com a informação da camara municipal de Antonina, manda v. s. pagar a Favor Cumplido a quantia de 30U do aluguel da casa de sua propriedade onde estiveram alojados diversos colonos russo-allemaes, de 24 de Abril a 24 de Junho do anno proximo passado, precedendo a necessaria liquidação por ter cahido em exercicio findo.

— Ao capitão do porto de Paranaguá — Pela participação constante de seu officio n. 39 de 16 do corrente, fico sciente de haver v. s. recebido no dia 14 pelo paquete nacional « Cervantes » os 4 ancorotes solicitados por essa capitania ao ministerio competente.

— Ao Dr. promotor publico da comarca da capital — Tendo sido Miguel Lourenço Pereira relevado da multa de 100U em que incorrera por ter deixado de dar á matricula, em tempo legal, a ingenua Dina, filha de sua escrava Maria Joaquina e como até agora não se acha matriculada essa ingenua, cumpre que v. m. requirite a matricula « ex-officio », nos termos do art. 7º n. 2 do regulamento de 1º de Dezembro de 1871 e aviso n. 195 de 18 de Abril de 1876.

— A João Baptista Brandão de Proença — Fica v. m. autorizado a despendar do adiantamento em seu poder até a quantia de 60U com os concertos do estradas e reprios de pontilhões nas colomias dos arredores desta capital, inclusive o concerto que necessita a ponte do Bartigny para dar livre transito, empregando para esse fim agentes de sua confiança que executem esses serviços,

indios de Guarapuava, verifica-se que foram observadas pelo respectivo juiz commissario as prescripções da lei n. 601 de 18 de Setembro de 1850 e regulamento n. 1318 de 30 de Janeiro de 1854 e respeitadas os direitos de terceiros. E portanto approvo a medição dessas terras, confirmo a sentença de f. e mando que publicada esta e depois de findo o prazo do art. 52 do regulamento citado, seja remetido ao director dos indios da comarca de Guarapuava o respectivo titulo.

Variedade

RICO E POBRE

ROMANCE

POR

Henrique Perez Escrich

TRADUÇÃO

DE

J. Cruzelro Seixas.

(Continuação).

CAPITULO XXI

O NINHO DE UM AMANTE.

Luiz tinha necessidade de respirar ar livre. Ao ver-se na rua, sentiu que seus pulmões se dilatavam. Sem forças para dizer ao juiz: «Eu sou o unico culpado», sentia no intimo de sua alma uma voz accusadora que o arguia sem cessar.

Durante uma hora vagueou pelas ruas sem rumo fixo. Sem saber como encontrou-se na rua de Sevilha, e então, pensando que talvez Fernando estivesse nos bilhares do Suizzo, entrou no famoso estabelecimento. Porém Fernando não estava, e Luiz dirigiu-se para a casa de Rosa.

Eram quatro horas da tarde; e a estas horas jantava a andaluza. Rosa ao ver o seu amante, comprehendeu que alguma coisa grave lhe succedia, porque Luiz estava triste. Quiz saber a causa desta tristeza e disse-lhe:

—É uma questão puramente de familia, que quero esquecer ao teu lado. Jantarei contigo.

Rosa deu algumas ordens á sua fingida mãe, e esta mandou a criada a um restaurant proximo. Luiz era um amante generoso, e era preciso por isso mesmo tratá-lo bem.

Rosa, ainda que ao principio não instava para saber a causa da tristeza de Luiz, contudo não desistia do seu empenho de a saber e esperou melhor occasião. Mandou que servissem o jantar a elles só no seu mesmo gabinete, naquella niuh encantador onde os gorgeios de um canario, o melodioso canto de um rouxinol e o perfume de varias flores encantavam e enlouqueciam Luiz, e depois de sentada á mesa, disse:

—Conheço, Luiz, que estás de mau humor, que te afflige alguma coisa e por isso ordenei que vos deixassem jantar sóinhos.

—Obrigado, Rosa; hoje tudo me enfastia e incommoda.

—E a tua Rosa tambem?

—Oh! Tu nunca! E a prova disso é que venho esquecer as minhas penas ao teu lado.

—Porém eu preciso que me digas o que tens, não te quero ver assim triste.

Luiz suspirou e guardou silencio. A curiosidade de Rosa augmentou e desde este instante empregou todos os seus recursos para arrancar o segredo que entristecia o seu amante.

—Quando duas pessoas se amam, essas pessoas não devem ter segredos uma para outra—disse por fim Rosa—, é sempre uma consolação contar as penas que nos atormentam á mulher que se ama. Não me occultes nada, Luiz; fylla. A nossa sorte está deitanda. Nascemos um para o outro, e o mesmo que te amo agora te amaria sempre ainda que fosses o ho nem mais criminoso ou desgraçado do mundo.

Estas apaixonadas palavras decidiram Luiz, e beijando Rosa com enthusiasmo, respondeu:

—Pois bem vou dizer-te tudo.

E Luiz, depois de exhalar um suspiro, começou com estas assustadoras palavras:

—Meu tio está na cadeia.

Rosa fez um movimento de assombro e repletu:

—Na cadeia!

—Sim.

—Porém teu tio é um homem honrado. Luiz suspirou, inclinando a cabeça sobre o peito.

—Do que é accusado?—perguntou a andaluza.

—Encontraram-lhe dez mil duros em notas falsas do Banco de Hespanha.

—Ah! Accusam-n'o de falsificador?

—Sim.

—Pobre velho!

—Porém posso jurar-te que está innocente.

—Então deves tranquillisar-te, porque não ha de estar muito tempo na prisão.

—Rosa, eu não quero occultar-te nada. Sou muito desgraçado, porque se quizer, hoje mesmo meu tio sahira do Saladero.

—Não te comprehendo.

Luiz tornou a guardar silencio como se tivesse receio de fofar á sua amante toda a verdade.

—Vejo, Luiz, que não te inspiro confiança; guarda o teu segredo, já que tanto te custa em m'o revelar.

—Pois bem, saberás tudo, Rosa. Sou um infame... sim... um infame... que consenti que levassem preso meu tio!

E passando a mão pela fronte, ajuntou:

—Essas notas falsas fui eu que as metti no cofre onde meu tio tinha o dinheiro.

—Tu!

—Sim, eu. Vejo que te espantas e talvez me desprezes quando sabes a verdade; porém não importa: dir-te-hei tudo, e se me expulsares de tua casa irei ao juiz dizer-lhe: «Dá liberdade a esse pobre velho que é innocente e prendei-me a mim que sou o criminoso».

—Assustas-me, Luiz! Falla, falla depressa.

Luiz depois de suspirar com força, continuou:

—Tu bem sabes, Rosa, que meu tio é immensamente rico; possui uma fortuna de muitos milhões, e não tem outro herdeiro senão eu.

—Sim, sim, já me disstestes isso. Continua.

—Apesar dos seus milhões, meu tio nunca me deu um real para as minhas despesas particulares. A sua avoreza era tal que não via que eu tinha vinte annos e que a juventude tem certas exigencias que elle evidentemente não comprehende nem nunca comprehendeu. Isto mesmo me fez conceber uma ideia que, ainda que imperdoavel, eu costumava desculpar commigo mesmo pensando que visito que toda a fortuna de meu tio devia ser minha com o tempo, nada tinha de singular que quando se me apresentasse uma occasião eu tirasse do cofre algum dinheiro para os meus gastos.

Luiz, depois de se deter um instante como para tomar alento, proseguiu:

—Arranjei pois uma chave do cofre onde meu tio encerrava o seu thesouro, e tremendo como um ladrão tirei uma nota de mil reales de um dos muitos maços que alli, tinha. Ao commetter este roubo, tranquillizava-me a ideia de que meu tio, se tinha contado as notas daquelle maço, acabaria por se convencer depois de destemperar um pouco, da que tinha contado mal, isto não ser facil que suspeitasse que eu possuia uma chave falsa.

—E chegou a saber?—perguntou Rosa com vivo interesse.

—Não; porém atraz de uma nota tirei outra e em seguida outra.

—Meu Deus!

—Espera. As minhas necessidades foram crescendo; eu gastava, dizendo sempre: «Gasto do que é meu, visto que sou o unico herdeiro de meu tio».

Luiz enxugou o suor que lhe escorria pela fronte, pois se envergonhava de passar aos olhos daquelle mulher por um ladrão.

—Chegou um dia—proseguiu Luiz— em que temi e receei bastante. Uma criada nossa, uma boa velha que ha muitos annos serve meu tio, surpreendeu-me um dia a tirar notas do cofre, e vi-me obrigado a ameaçal-a para que guardasse silencio...

—E ella guardou silencio?—interrompeu Rosa.

—Sim. Contudo estava ameaçado a que meu tio dresse pela falta das notas pois já tinha tirado para cima de dous mil duros e por isso decidi-me a consultar Fernando...

—Ah! Visto isso meu primo...

—Indicou-me um meio para sahir do apu-

ro em que estava e poder continuar a extracção das notas sem que meu tio dresse fé. Este meio reduzia-se a trocar notas falsas pelas boas.

—Jesus!—exclamou Rosa com uma entoação digna do theatro.

—Sim, Rosa, o meio era seguro para salvar a minha responsabilidade; porém foi fatal para meu tio que hoje, ao fazer um pagamento, pegou desgraçadamente no maço em que estavam as notas falsas, o que lhe resultou o ir para a cadeia.

—Pobre velho!

—Sim, pobre velho, e quem eu não posso salvar sem perder teu primo e a mim mesmo. A minha situação é gravissima.

Rosa cobriu o rosto com os mãos e principiou a chorar. Aquella mulher tinha sempre as lagrimas á sua disposição. Luiz continuou:

—Conheço que te ent rucea a minha narração. Agora despreza-me e expulsa-me de tua casa; porém posso jurar-te que nunca suspeitei que tive-se tão fiteas consequencias a troca das notas.

Rosa ergueu a sua encantadora cabeça, cujos olhos negros estavam cheios de brilhantes lagrimas, e arrojando-se aos braços do seu amante, exclamou:

—Ah! Eu não quero que me deixes!...

Amo-te muito, e sou egoista bastante para te aconselhar que procures todos os meios imaginaveis, todos, menos dizer que és criminoso.

Rosa, ao mostrar-se tão apaixonada, não se esquecia que Luiz não podia perder-se só, mas que arrastava com elle Fernando.

Luiz fazia os gastos da casa, como se diz em linguagem familiar, e Fernando satisfazia todas as necessidades de sua alma apaixonada; Rosa para o amante rico, guardava as contas da modista, da cozinheira, do aluguel da casa e mais despesas, para o amante pobre, o seu amor mais verdadeiro.

Este genero de mulheres abunda muito em todas as partes, porque para o bello sexo o amor é uma necessidade da alma e o dinheiro uma necessidade da vida, e quando não pôde encontrar satisf itas essas duas necessidades em um só individuo, busca dous e ás vezes tres, entrando sem o saber na religião dos mormons.

A juventude tem as suas necessidades, como tem a sua poesia e os seus crimes.

Luiz esqueceu-se de seu tio ao lado de Rosa, e só quando sahira de casa da sua amada, quando ao escurecer se encontrou na rua, e a poesia do amor e os vapores do vinho começaram a dissipar-se, é que se lembrou que seu tio estava n'uma prisão e Quiteria o estava esperando impaciente na sua miseravel habitação.

(Continúa).

Noticiario

Baile em honra de SS. MM.

—Effectuou-se no dia 2 o baile a SS. MM. II. oferecido pela commissão de festejos, em nome da sociedade Curitybana.

Não faltaram luzes nem flores para abrilhantar esta festa a que, com realçada delicadeza, concorreu a elite dos salões de Curityba, em numero superior a 200 pessoas.

A grande sala do museu achava-se preparada com esmero e elegancia dignos da presença dos Augustos Soberanos, e os seus adornos singelos, porém de bom gosto, davam-lhe o aspecto dos melhores salões de baile.

Sobravam-lhe essas harmonias expressivas, esses toques bem combinados que a arte sabe preparar, e que concor-des emprestam aos logares onde se espalham uma como que alma presenteira, que parece derramar sobre todos os objectos que os cercam a animação e a vida.

Sentia-se espargido no seu ambiente esse tenuissimo fluido que por nós perpassando excita-nos ás expansões do contentamento, e que só circular nessas festas em que se reúnem a fina educação, o regosijo commum e a homogeneidade de sentimentos dos convivas.

Essa mystica influencia não se fez esperar neste baile, e bem depressa se estabeleceu essa corrente de alegria communicativa que dá a todos os semblantes o mesmo ar jubiloso, que aproxima

n'uma cortez intimidante todos os genios, todos os temperamentos, todas as relações sociaes, e os enleia n'uma mesma, sincera e franca expansão, promettedora de horas agradaveis de prazer.

Pelas 10 horas, quando elle já estava cheio de convidados, fizeram Suas Magestades Imperiaes sua entrada no salão.

Ao annuncio da Augusta chegada duas commissões, uma de senhoras, e outra de distinctos cavalheiros, já por nós nomeadas, foram receber Suas Magestades á porta e acompanharam-OS até o docei para Elles preparado, n'uma das faces do salão.

A' frente da casa do baile estava postada uma guarda de honra, e uma banda de musica militar, que saudou Suas Magestades com o hymno nacional, o que tambem fez a magnifica banda do corpo policial que tocava no salão.

Logo depois Sua Magestade o Imperador permittiu que se desse signal para a primeira quadrilha, e animada começou a dansa.

O vasto salão do museu tornou-se pequeno para accommodar o crescido numero de pares que dançavam.

As senhoras trajavam elegantes e custosas toilettes, e parecia que cada qual, á portia, havia-se esmerado em quanto tinha de aprimorado gosto, afim de concorrer ao brilhantismo desta festa, que se tornou tão digna do fim a que se propoz.

O serviço de buffet esteve abundante e delicado, e a esforço algum se poupou a digna commissão de festejos, presidida pelo Exm Sr Dr. chefe de policia, para, preparando essa agradável soirée, demonstrar ainda uma vez o jubilo de que se achava possuida a sociedade curitybana pela honrosa visita de Suas Magestades Imperiaes.

A' 1 hora retiraram-se Suas Magestades ao som do Hymno Nacional.

A dança prolongou-se até 2 horas e meia, hora em que se retiraram os ultimos convidados, durante todo o baile reinou sempre a maior animação.

Foi uma festa digna dos nossos Augustos Soberanos, e dos lóros da sociedade curitybana.

Penitenciaria—No dia 2, ás 6 horas da tarde, como haviamos annunciando, teve logar a inauguração do edificio da Penitenciaria desta capital, cuja primeira pedra foi, com as formalidades religiosas e civis do estylo, collocada no logar respectivo, sendo conduzida por S. M. o Imperador, ministro da agricultura, presidente da provincia o Dr. chefe de policia.

Uma guarda de honra do 2º corpo de cavallaria, commandada por um capitão, achava-se com a respectiva banda de musica, fazendo as devidas continencias.

Apesar de ser quasi noite, grande foi o affluimento de pessoas de todas as jerarchias que ali se achavam.

O sitio estava illuminado, e davam-lhe toques de uma belleza singular decorações festivas de arcos e bandeiras.

Um altar levantado no sitio mais conveniente, tendo uma cupula de folhagens servio para a cerimonia religiosa a que assistiram tres sacerdotes, incluido o revm. vigario da freguezia.

Damos em seguida o auto de inauguração que foi lavrado pelo Dr. secretario do governo, e depois de assignado por S. M. o Imperador e mais pessoas gradas ali reunidas, foi com as moedas correntes do Imperio e gazetas do dia, depositado na caixa de marmore.

Dentro dessa urna estava depositada a pedra fundamental com a seguinte inscripção:

S. M. o Imperador aos 2 de Junho de 1880, sendo presidente da provincia o Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas Filho, assentou a primeira pedra deste edificio, por iniciativa do Dr. chefe de policia Luiz Barreto Coriêa de Menezes.